

Ravena Fontenele Alves da Silva

**Antologia dos corpos: um modo de erguer a voz**

Brasília, DF

2023

Ravena Fontenele Alves da Silva

**Antologia dos corpos: um modo de erguer a voz**

Monografia apresentada ao Instituto de Artes Visuais –  
Ida, Departamento de Artes Visuais – VIS – da  
Universidade de Brasília – UNB, como requisito parcial  
para obtenção do grau em bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Dr. Vicente Martinez

Brasília, DF

2023

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de, primeiramente, agradecer e dedicar esse trabalho à minha família que sempre esteve ao meu lado. Obrigada!

Agradeço à minha cachorrinha Mel, nos dias que senti dificuldade de levantar da cama ela me alegrou com seu jeito de ser.

Agradeço aos meus amigos da vida e aqueles que aceitaram participar desse trabalho. Cresci muito ouvindo suas histórias, vocês tiraram minhas dúvidas, me deram sugestões, críticas construtivas e apoiaram diretamente ou indiretamente em momentos cruciais.

Agradeço aos meus professores do Departamento de Artes (IDA, UnB): Elisa Martinez, Vicente Martinez, Denise Camargo. Agradeço também ao meu professor de ensino médio, Mario Trevisan, que plantou em mim a semente da filosofia e da sociologia, queria ter te ouvido mais... A maioria não sabe, mas muitas de suas falas ficaram gravadas em meu coração.

Agradeço a todas as artistas mulheres que vieram antes de mim, pois elas tiveram “voz” e hoje eu posso “gritar”.

Agradeço a todas diretoras(es) de filmes e séries, escritoras(es) de livros que tive contato durante a vida, pois eles me ajudaram a criar um “universo” de pensamentos críticos e visões únicas em relação a Arte e a vida.

E agradeço, também, a mim mesma por ter persistido apesar de todos os empecilhos existentes, fossem eles mentais, emocionais ou físicos.

## RESUMO

O trabalho é focado em uma reflexão sobre minha prática artística no final da graduação, ligado a retratos e autorretratos na Fotografia. Expus como as minhas vivências se desdobraram numa relação sobre o corpo em sua mais profunda intimidade e identidade por meio da Fotografia e da escrita. Trouxe uma contextualização sobre meu percurso como estudante de Artes Visuais na Universidade de Brasília e compartilhei meus interesses sobre o corpo humano como sujeito da sua própria história, buscando constantemente entender como me expesso e represento os outros por meio da imagem: uma forma de erguer a voz perante a si mesmo e aos demais. Como meio de investigação do processo, o resultado prático da pesquisa se deu no trabalho *Antologia dos corpos*, que consistiu em uma coleta de vivências a partir de retratos fotográficos e textos sobre as pessoas retratadas.

Palavras-chave: fotografia, intimidade, retrato, autorretrato e identidade.

## **ABSTRACT**

The work is focused on a reflection on my artistic practice at the end of graduation, linked to portraits and self-portraits in Photography. I explained how my experiences unfolded in a relationship about the body in its deepest intimacy and identity through Photography and writing. I brought a contextualization about my path as a student of Visual Arts at the University of Brasília and I shared my interests about the human body as a subject of its own history, constantly seeking to understand how I express myself and represent others through the image: a way to raise the voice before himself and others. As a means of investigating the process, the practical result of the research was the work *Antologia dos corpo*, which consisted of a collection of experiences based on photographic portraits and texts about the people portrayed.

Keywords: photography, intimacy, portrait, self-portrait and identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Moyang</i> . Nanquim sobre papel, 21 x 29,7 cm.....	10
Figura 2 – <i>Untitled Films Stills #21</i> . Impressão em gelatina prateada, 19,1 x 24,1 cm.....	14
Figura 3 – <i>Room with a View</i> , de True Stories. Fotografia digital.....	15
Figura 4 – <i>Everything will be taken away #2.8</i> . Fotografia fotocopiada em papel quadriculado, lixada com lixa, sobreposta com texto a jato de tinta, 21,6 x 27,9 cm.....	16
Figura 5 – <i>Lovers</i> . Fotografia analógica, 53 cm X 37 cm.....	17
Figura 6 – <i>Self Portrait: Six Times</i> . Impressão em gelatina prateada, 91,4 x 236,2 cm.....	18
Figura 7 – <i>Quarentena #1</i> . Fotografia digital.....	21
Figura 8 – <i>Fragmentada #4</i> . Fotografia digital.....	23
Figura 9 – <i>La inocenta</i> , da série Gerações. Imagem de um diário com texto que acompanha a fotografia digital.....	24
Figura 10 – <i>Inocência</i> , da série Gerações. Imagem de um diário com texto que acompanha a Fotografia digital.....	24
Figura 11 – <i>Anúnciação</i> , da série Gerações. Imagem de um diário com texto que acompanha a Fotografia digital.....	25
Figura 12 – <i>Gedser</i> . Fotografia digital, 203 cm X 138 cm.....	26
Figura 13 – <i>Desconstrução</i> . Fotografia digital.....	27
Figura 14 – Foto da instalação da exposição de diplomação.....	31
Figura 15 – Foto da instalação: detalhes.....	32
Figura 16 – <i>Triangular absurdo</i> , da série Antologia dos corpos. Fotografia digital, 10 x 15 cm. ....	33
Figura 17 – Imagem do texto que acompanha a obra <i>Triangular absurdo</i> .....	34
Figura 18 – <i>Sensitiva</i> , da série Antologia dos corpos. Fotografia digital, 10 x 15 cm.....	36
Figura 19 – Imagem do texto que acompanha a obra <i>Sensitiva</i> .....	37
Figura 20 – <i>M</i> , da série Antologia dos corpos. Fotografia digital, 10 x 15 cm.....	39

Figura 21 – Imagem do texto que acompanha a obra *M*.....40

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
2	<b>FIO VERMELHO: AUTOCONHECIMENTO ARTÍSTICO.....</b>	<b>9</b>
2.1	ARIADNE: REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS.....	13
3	<b>ENCONTRANDO O MINOTAURO: ANTES DE TER VOZ.....</b>	<b>19</b>
4	<b>MATANDO A CRIATURA: OBRAS DE ERGUER A VOZ.....</b>	<b>29</b>
5	<b>FIM OU INÍCIO?.....</b>	<b>42</b>
6	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, trago uma reflexão sobre minha prática artística nos últimos semestres da minha formação. Desde o início da graduação, minha pesquisa poética dividiu-se em várias linguagens: desenho, pintura e a Fotografia. Eu buscava experimentar outras técnicas e explorar as possibilidades de representar o corpo e a questão da identidade e intimidade. Nesse contexto, meu trabalho sempre contém um eixo temático condutor: o corpo.

Acredito que o corpo é a ponte entre o mundo físico e o espiritual, nossa ligação conosco e com os outros; apesar de termos a mesma essência, temos vivências e universo único dentro de cada ser. Aos poucos quis compreender como registrar o corpo ao longo dessa trajetória do tempo, como encontrar a minha “voz” como artista visual por meio de retratos e autorretratos que faço a partir da Fotografia. Sendo a “voz” uma palavra que simboliza o meu “Eu artístico” perante o mundo. A imagem permite cristalizar crenças ou desejos que seriam difíceis ou perigosos de ser verbalizados, por meio dela posso me expressar livremente sem medo de ser julgada. Conforme Bell Hooks (2019, p.31) “Erguer a voz, responder, retrucar significava falar como um igual a uma figura de autoridade”.

Portanto, no primeiro capítulo apresento como meu percurso desde a infância e dentro do curso de Artes Visuais me ajudaram a desenvolver minha poética. Em segundo lugar, situar acerca de meu autoconhecimento pessoal e artístico na Fotografia.

No segundo capítulo, dividido em duas partes, apresento as referências artísticas descobertas ao longo do curso de bacharelado em Artes Visuais e obras antigas.

Apresento e analiso, no último capítulo, a minha produção artística atual de fotografias intituladas *Antologia dos corpos* (2022), cujas obras estão em diálogo com o tema aqui apresentado.

## 2 FIO VERMELHO: AUTOCONHECIMENTO ARTÍSTICO

*Um homem labiríntico jamais busca a verdade,  
mas unicamente sua Ariadne.*

*(Nietzsche).*

Segundo a mitologia grega, Ariadne é a filha do rei Minos de Creta, que a colocou como responsável pelo Labirinto da ilha. O local era usado para rituais de sacrifício e, guardava em seu centro o Minotauro. De acordo com a história, o herói Teseu consegue atravessar o Labirinto e matar o Minotauro porque Ariadne se apaixona por ele e o ajuda a percorrê-lo com um novelo de fio vermelho. Farei um paralelo entre minha vida e esse mito.

O Labirinto representa minhas dúvidas e curiosidades de forma alegórica. Durante minha travessia, deparei-me com estradas sem saídas. Andei muito e me perdi, fiquei com medo e angustiada sobre qual caminho seguir. Ao longo dos anos, trilhei por lugares sombrios que nunca cogitei passar, mas continuei andando mesmo sem saber por onde ir.

Desde criança a câmera esteve presente. Meus pais registravam tudo. Em todos os lugares que já morei, havia nos armários da sala espaços reservados para guardar as pilhas de álbuns, repletos de fotos de viagens, de pessoas que nunca conheci, lugares, comidas, memórias que existiram antes de mim; histórias esquecidas e, por meio da imagem, lembradas.

À medida que fui crescendo, tornou-se natural estar rodeada por fotos e pela presença da câmera na mão de alguém. Para mim era automático clicar no botão do celular e tirar fotos das pessoas ao meu redor, das paisagens e de tudo que quisesse registrar. A primeira câmera digital com a qual tive contato foi uma *Sony Wx50*. Sempre que possível, fotografava meus cachorros, eu mesma, o céu. Muitas imagens foram se acumulando num pequeno aparelho que eu não entendia como funcionava e nem porque eu o fazia.

A Fotografia sempre participou do meu cotidiano, fosse a partir do Cinema, de fotos emolduradas pela casa, pela visão enquadrada da janela do carro. Mas na minha adolescência, durante o ensino médio, me senti perdida no Labirinto: “Qual caminho seguir?”, perguntava-me diariamente. Nesse percurso solitário e cheio de incertezas, encontrei Ariadne – a Arte –, ela me ofereceu um fio vermelho o qual me norteou pelo caminho.

Ariadne está conectada comigo por meio de um laço invisível de sangue; ela sempre me observou, na verdade, ela é parte do meu ser. Minha mãe é escritora, assim como meu

irmão mais velho e eu. No ensino médio gostava de escrever romances, minha imaginação era muito fértil quando se tratava de criar histórias de amor e dramas. Fiz muita poesia, mas na época da escola, não levei a sério. Meu pai se interessava por *designs* arquitetônicos e desenhava retratos para que minha irmã e eu pintássemos quando crianças. Lembro-me de um episódio em específico quando eu pedi um desenho de uma mulher para colorir, mas meu pai estava ocupado e perturbei-o até que ele falou: “você não pode sempre me pedir, aprenda a fazer uma do seu jeito”, essas palavras me doeram bastante, mas a partir desse momento comecei a criar personagens.

Figura 1 - *Moyang*. Nanquim sobre papel, 21 x 29,7 cm.



Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Entrei para bacharelado em Artes Visuais em 2017 na Universidade de Brasília. Durante o curso, interessei-me por desenho, pintura e Fotografia. Dediquei-me a estudar movimentos artísticos como *Art Nouveau*, Impressionismo e o Surrealismo. Em Desenho 3, matéria ministrada pelo prof. Vicente Martinez, recebi referências construtivas para meu estilo de desenho focado na linha e em materiais como o nanquim; pesquisei Aubrey Beardsley, Gustave Doré, Virginia Frances Sterrett e outros.

Pensava que somente o desenho seria uma possibilidade de carreira artística, em parte era preconceito. Focar na Fotografia nunca havia passado pela minha cabeça, não entendia o que ela representava, de fato, para mim. Mas, após frequentar as aulas de Foto 2, com a prof. Ruth de Sousa, aprendi que a Fotografia está inserida até mesmo no modo de retratar as pessoas em pinturas antigas, como descrito no livro de Laura Gonzalez Flores, *Fotografia e pintura: Dois meios diferentes?* (2011), e também no livro de John Berger, *Modos de ver* (1999). Por que não podia desenhar com a Fotografia?

Durante o curso, grande parte da minha poética artística, se não toda, foi desenvolvida a partir dos Seminários em Teoria, Crítica e História da Arte (STCHA 5), ministrada pela prof. Elisa Martinez sobre a misoginia dentro do campo das Artes Visuais. Essa temática sobre a representação da mulher na Arte me intriga e me fascina. Por que ela é pintada, mas não se insere no meio dos artistas? Por que ela tem que ser o alvo, o centro de observação artística masculina? A mulher retratada caracteriza o real ou é carregada de simbologias fetichizadas?

Deste modo, não devemos ser vistas como objeto do olhar masculino, antes “as mulheres devem se conceber potencialmente – se não efetivamente – como sujeitos iguais, e devem estar dispostas a olhar para os fatos de sua condição cara a cara, sem vitimização ou alienação”, pontua Linda Nochlin em seu texto *Por que não houve grandes artistas mulheres* (2016).

Vivemos numa sociedade sexista e machista. Quando uma mulher decide trabalhar com a Arte, e em específico com a Fotografia, que é o meu caso, independentemente das circunstâncias desfavoráveis, ela está afrontando toda uma Cultura. Nossa visão de mundo está incorporada aos costumes, ao que consumimos de imagens, conteúdo, sobre as histórias que ouvimos e como repassamos aos outros. Portanto, nós não fotografamos apenas com a máquina, mas com toda a Cultura na qual estamos inseridos. Laraia (1986), em seu livro *Cultura: um conceito antropológico*, aborda essa questão:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma

herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1986, p.68).

Seguindo esta perspectiva, ao longo do curso, interessei-me por livros escritos por mulheres que abordavam questões sobre autodesenvolvimento e autoestima, inseri em minha lista de leituras: *Erguer a voz* (2019), de Bell Hooks, e *Mulheres que correm com os lobos* (2018), de Clarissa Pinkola. Questionava-me como poderia representar o corpo feminino sem perpetuar uma visão objetificada. Meu olhar artístico evoluiu enquanto observava as fotografias instantâneas de Hiromix das jovens em seu cotidiano no Japão; desenvolveu-se na hora de estudar as narrativas textuais e fotográficas de Sophie Calle em *Histórias reais* (2009). Foi assistindo filmes como *Orgulho e Preconceito* (2005) e *Querida Vida* (2016) que entendi o poder da minha voz e atitude.

Por meio desse conjunto de percepções, encontrei minha voz interna que outrora estava sufocada sob dúvidas, medos e ausências. Saí da minha zona de conforto, andei pelo Labirinto com curiosidade em saber mais sobre tudo. A união dessas experiências e contatos com a Arte de várias mulheres ao redor do mundo, resultaram no início de uma longa jornada sobre o meu autoconhecimento artístico, pois elas me ensinaram a registrar minha voz por meio da Fotografia e da escrita.

## 2.1 ARIADNE: REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Após muitas pesquisas ao longo do curso de Artes Visuais a respeito de artistas que trabalham com o autorretrato e retrato, encontrei nomes como Zanele Muholi, Cindy Sherman, Sophie Calle, Adrian Piper, Jemima Stehli, Hans-Peter Feldmann e John Coplans. Encontrei neles temas nos quais vi necessidade de fotografar: o corpo e a intimidade.

O corpo denuncia e interpreta literalmente o que não se pode dizer em palavras, por meio de suas marcas, gestualidades, e etc. Ele como ferramenta, suporte ou veículo da obra aparece com frequência a partir dos anos 60 na história da Arte; inúmeros artistas o utilizaram como artifício e meio de expressão. O registro fotográfico do mesmo traz imagens com diferentes significados, muitas delas tratando-o como objeto, outras como mercadoria, às vezes como uma situação emblemática real ou fictícia, ou uma atitude de autoconhecimento.

Uma grande referência para mim são os trabalhos desenvolvidos pela artista norte-americana Cindy Sherman. Suas obras concentram-se em gênero e sexualidade. Ela é a modelo e a fotógrafa de sua Arte, tornando-se, então, a pessoa observada e a que observa; tendo como exemplo as séries fotográficas intituladas *Untitled Films Stills* (1977 a 1980) que englobam espaço para pensar sobre o papel feminino em nossa sociedade a partir de conceitos preestabelecidos, onde a “feminilidade” aparece como algo ensaiado, encenado, mudado e imitado, sendo também uma construção cultural. Sherman utiliza o cinema como referência para apresentar uma visão da mulher, não enquanto ser individual, mas como ser estereotipado culturalmente; é como se suas personagens – ela mesma – estivessem amarradas a identidades que lhe foram destinadas historicamente. Nesses autorretratos, a representação de si como uma outra distante, por vezes fictícia, evoca uma concepção de uma identidade da encenação.

Figura 2 - *Untitled Films Stills #21*. Impressão em gelatina prateada, 19,1 x 24,1 cm.



Fonte: SHERMAN, Cindy (1978). Disponível em: [https://www.moma.org/learn/moma\\_learning/cindy-sherman-untitled-film-stills-1977-80/](https://www.moma.org/learn/moma_learning/cindy-sherman-untitled-film-stills-1977-80/). Acesso em: 30 nov. 2022.

Cindy Sherman ficcionaliza suas *fotocenas*, faz a pré-produção e a pós-produção; ela é o sujeito da obra e percorre todos os espaços constitutivos da composição artística, concebe todo o aparato para ser fotografado, situando-se no campo do narrador protagonista que conta a história a partir de seu ponto de vista. Arlindo Machado analisa algumas proposições artísticas deste mesmo tema quando comenta a atitude de Sherman perante suas “Fotografias Encenadas”:

Para Sherman, fotografar consiste menos em apontar a câmera para alguma coisa preexistente e fixar sua imagem na película que em criar cenários e situações imaginárias para serem oferecidas por ela, tal como acontece no cinema de ficção. A fotografia é concebida como criação dramática e cenográfica, ou como *mise-en-scène*, na qual a fotógrafa interpreta ao mesmo tempo os papéis de diretora, dramaturga, desenhista de cenários e atriz (MACHADO, 2001, p.134).

A artista francesa Sophie Calle assim como Sherman é a narradora protagonista da *fotocena*; ela expõe pequenas histórias e as “comprova” por meio de suas fotografias. Em algumas fotos, a artista cria determinadas *mise-en-scène* para serem fotografadas. Em outra, Calle produz um evento performático, onde a cena fotografada é encenada para ser registrada, contudo, não é um registro da performance.

Figura 3 - *Room with a View*, de True Stories. Fotografia digital.



Fonte: CALLE, Sophie (2010). Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2011/jan/09/sophie-calle>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Calle pretende então ressignificar o corpo por meio da encenação, do espaço narrativo e da invenção. O sujeito da oração está ausente da fotografia, entretanto não está ausente da ficção presente na narrativa, mas na imagem, ele fica subentendido. Sophie investiga a questão dos limites do real e do ficcional em suas obras de Arte: quem são as pessoas que ela fotografa? As histórias que ela escreve são reais? O que é real e o que é invenção se mesclam, trocam de lugar e confundem os paradigmas da ficção e da verossimilhança. Ficção é tudo aquilo que é confeccionado para criar ilusão, podendo até se aproximar da realidade. O paradoxo é falso, já que há a possibilidade em fabricar uma cena em que a imagem captada pela máquina fotográfica não seja realidade, não se estabelecendo como cópia do cotidiano.

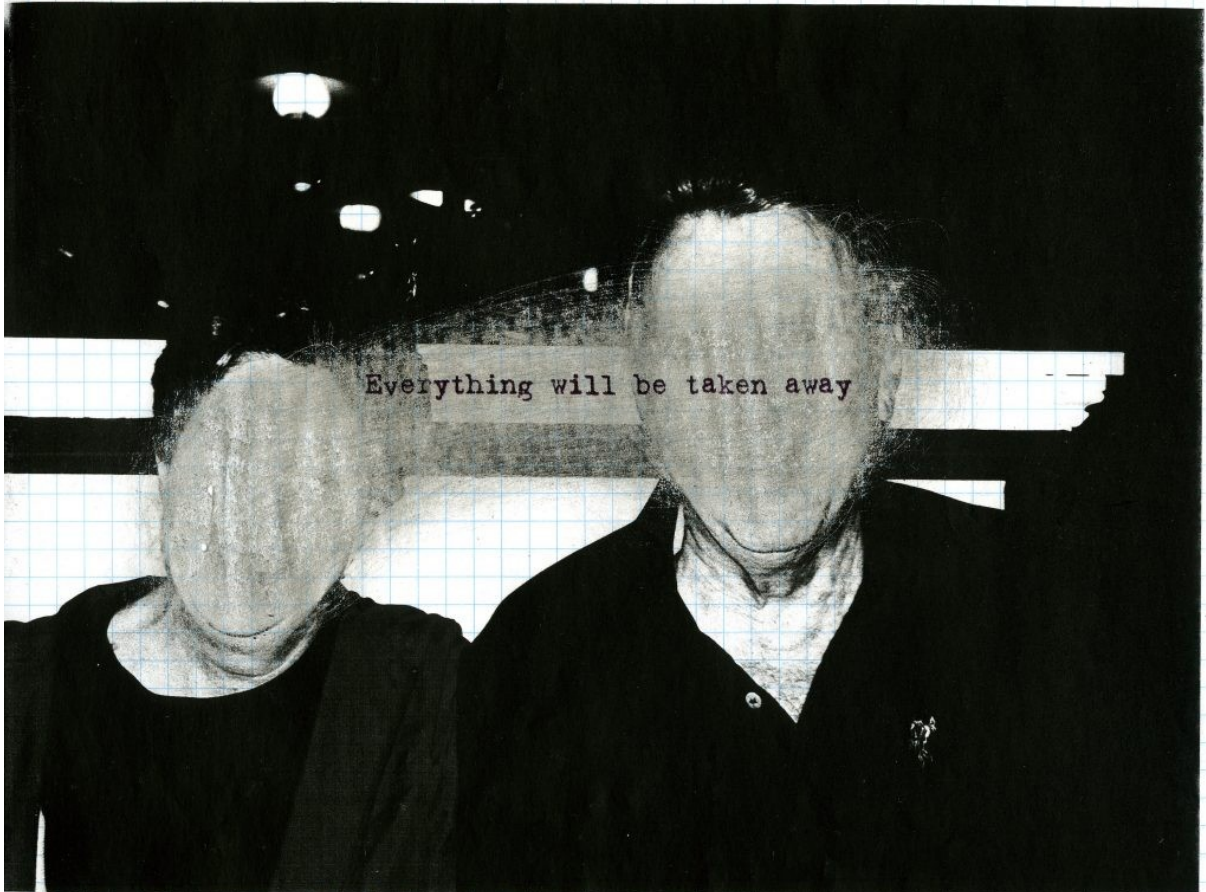
Toda fotografia é uma ficção apresentada como verdadeira. Contrariamente ao que temos inculcado, contra aquilo que costumamos pensar, a fotografia mente sempre, por instinto, por que sua natureza não lhe permite fazer outra coisa. Mas o que importa não é que a mentira seja inevitável. O importante, em suma, é o controle exercido pelo fotógrafo para impor uma direção ética a sua mentira. Um bom fotógrafo é aquele que mente bem a verdade (FONTCUBERTA, 2007, p. 15).

Inspiro-me também na artista estadunidense Adrian Piper. Seus trabalhos envolvem investigações sobre o racismo, identidade, as possibilidades sociais e filosóficas da Arte. Uma obra que chama a minha atenção é a série *Everything* de 2003, onde ela coleta fotografias antigas e retira os rostos das figuras, colocando a frase “*Everything will be taken away*”, que



traduzida significa: “Tudo será levado embora”; a imagem e o texto se mesclam, tornando-se um só.

Figura 4 - *Everything will be taken away #2.8*. Fotografia fotocopiada em papel quadriculado, lixada com lixa, sobreposta com texto a jato de tinta, 21,6 x 27,9 cm.



Fonte: PIPER, Adrian (2003). Disponível em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/3924>. Acesso em 08 dez. 2022.

Assim como Adrian Piper, o artista conceitual alemão Hans-Peter Feldmann trabalha o aspecto da identidade em suas fotos intituladas *Lovers* (2008) fazendo um recorte dos rostos das pessoas inseridas nas imagens deixando um vácuo evidente. Hans usa fotografias antigas e remove a maior parte de suas características de identificação, substituindo-as por veios de madeira. Não sabemos a história por trás da imagem, não sabemos se eles são casados ou amantes, apenas podemos especular a partir do título.

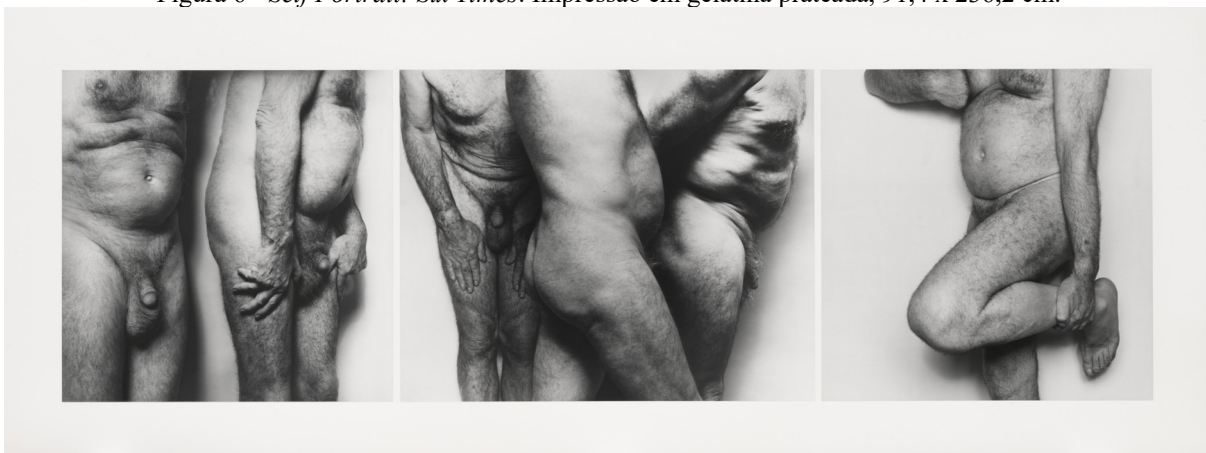
Figura 5 - *Lovers*. Fotografia analógica, 53 cm X 37 cm.



Fonte: FELDMANN, Hans-Peter (2008). Disponível em: <https://www.artbasel.com/catalog/artwork/17951/Hans-Peter-Feldmann-Love-Couple-1> Acesso em 9 dez. 2022.

Outra referência fotográfica importante para mim é o artista britânico John Coplans (1920 – 2003). Suas obras trazem um estudo sobre o corpo nu e envelhecido; como ele nunca fotografou seu rosto, suas imagens não são focadas em um homem específico e nem em sua identidade como em *Self Portrait: Six Times* (1987). O que me atrai em sua gama de produções são as poses, muitas vezes chegam a ser abstratas quando focadas em determinadas partes do corpo, ele consegue deixar a composição interessante apenas com um fragmento do mesmo.

Figura 6 - *Self Portrait: Six Times*. Impressão em gelatina prateada, 91,4 x 236,2 cm.



Fonte: COPLANS, John (1987). Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/49707>. Acesso em: 2 dez. 2022.

Por meio dessas referências, pude construir minha própria produção. Ao analisar trabalhos de artistas contemporâneos, foi possível perceber múltiplas possibilidades de criação e de expressões artísticas a partir da Fotografia e de representações do corpo. Ariadne me ajudou a encontrar o Minotauro – representação do medo – e enfrentá-lo.

### 3 ENCONTRANDO O MINOTAURO: ANTES DE TER VOZ

*O mundo é um grande teatro, e não existe uma separação entre realidade e representação. A coletiva de imprensa, os acontecimentos desportivos, as grandes comemorações, incluindo algumas guerras, se convertem em elaboradíssimas dramaturgias com atores e figurantes, que têm um ponto de vista fixo perante a câmara.*

*(FONTCUBERTA, 2007, p. 178).*

Mediante o contato com as fotografias de grandes fotógrafos da Arte Contemporânea, comecei a produzir meus primeiros retratos. As fotos que mostrarei a seguir foram idealizadas em uma matéria intitulada “Foto 2” que tive na Universidade de Brasília (UnB), no Instituto de Artes Visuais (IDA), ocorrida em 2021/1, a prof. Ruth de Sousa propôs a criação de um ensaio fotográfico sobre a temática “tempo e narrativa”. Pensei bastante acerca dessa proposta e decidi fazer algo que representasse o estado mental, físico e emocional das pessoas no período da pandemia em 2020 e 2021.

Os quinze dias de isolamento social se transformaram em trinta, depois em meses e agora, em anos. Os dias pareciam todos iguais, monótonos, cheios de ansiedades e sem perspectivas de mudanças, afetando diretamente minha Arte. Devo ressaltar que felizmente tive condições físicas e emocionais para produzir. Escrevi isso, pois muitos não tiveram a mesma oportunidade, e nesse aspecto sou privilegiada por ter ficado reclusa e ter conseguido criar artisticamente, porém, essa questão me abalou porque havia aquela autocobrança de criar coisas novas.

O começo de 2020 foi conturbado, repleto de reviravoltas no mundo. Percebi que a experiência de estar em confinamento social promoveu o confronto permanente em mim: encontrar meu “Eu artístico”. Procurei no interno respostas para o que estava acontecendo no externo. Tudo mudou: o ritmo de sono, a alimentação, o corpo, a mente; de certa maneira, encontrei conforto na Fotografia. Descobri o que me interessava nas imagens: o modo em que a luz é refletida no corpo; as sombras, as poses, os enquadramentos e o olhar.

No início dessa nova fase, deparei-me com um dilema: quem seriam meus modelos se estávamos em quarentena? Minha mãe e irmã não gostam de tirar fotos, não poderia forçá-las; então, decidi me fotografar, porém, não tinha nenhum contato anterior com o autorretrato.

Fazia-as sem identificá-las como tal. Meus primeiros autorretratos são focados na temática na qual eu me represento como um sujeito reflexivo da ação. Para Barthes a Fotografia é um jogo social, em que o sujeito se preocupa em fazer a “pose”, a sua imagem fotografada nunca é o seu verdadeiro eu, por isso possibilita o aparecimento de “eu próprio como outro” (BARTHES, 2008, p.20). O autorretrato “feminino” é uma resposta direta diante de um contexto institucional e simbolicamente excludente; traduzindo disputas de gênero interno no campo das Artes. A conquista da mulher como sujeito de seu próprio discurso aflorou-se em autorretratos e retratos ao longo da história, chegando com peso na contemporaneidade.

Por conseguinte, em minhas obras procurei trazer um novo imaginário: a mulher como criadora e não objetificada. Fiz a série composta por quatro fotos nomeadas *Quarentena* (2020). As realizei dentro do meu quarto, o espaço que mais permaneci dentro de casa. A ideia era retratar um momento onde meus pensamentos e corpo passaram por uma experiência caótica: enfrentar eu mesma. Inseri um manequim sem cabeça e braços para causar um estranhamento ao espectador. Os desenhos corporais são linhas que percorrem toda estrutura física, pintei-as com o intuito de demonstrar o entrecruzamento de pensamentos confusos.

Figura 7 - *Quarentena #1*. Fotografia digital.



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Nessa série, busquei me tornar visível e me fazer presente a partir da imagem. Se no retrato há certa distância entre o artista e o objeto, no autorretrato esses dois elementos se unem, tornando-se um espelho da artista; nele se refletem sua imagem e a imagem de seu mundo, de suas ideias e valores. O objeto fala e induz vagamente a pensar. Cito, então, o pensamento de Roland Barthes (1984):

Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele serve para exibir sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não paro de me imitar, e é por isso que, cada vez que me faço (que me deixo) fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura (como certos pesadelos podem proporcionar). Imaginariamente, a Fotografia (aquela de que tenho a intenção) representa esse momento sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma microexperiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro (BARTHES, 1984, p.27).

Na série *Quarentena*, estava descobrindo possibilidades da representação do meu próprio corpo em relação à luz, à composição, ao enquadramento. Fiquei satisfeita com o

resultado do ensaio, mas soube que não havia evidenciado nas imagens o que queria passar ao observador. Essa série abriu discussões além do que planejei. Outra questão que se fez presente nesse trabalho foi fotografar em preto e branco. A ausência de cor direciona o foco à linha e à forma, dando destaque à expressividade do gesto. Ela representa minha visão subjetiva do mundo. Sendo atemporal, ela só existe no mundo da imagem. Há um silêncio contemplativo sobre um momento que foi e não é mais, uma elegância, o modo como a luz desenha os corpos, a valorização da forma e textura registrado por meio da foto, na memória do fotógrafo.

Após o amadurecimento de ideias, criei a série *Fragmentada* (2021). Composta por cinco imagens em preto e branco. Elas têm as características de evidenciar os rastros que as ferramentas de edições de pós-produção deixam, e também o corte brusco de uma parte do corpo. A partir da exploração dos meios de manipulação da imagem, questiono o valor da autenticidade de minha própria identidade. Digo que exploro nessa série a noção de simulação, indo da encenação à despersonificação. A Fotografia encenada se desenvolveu em três etapas: antes, durante e depois da tomada da imagem. Segundo François Soulages, “não se deve negligenciar nenhuma etapa para compreender o processo criativo” (2010, p. 52). A Fotografia encenada para ele perpassa e entroniza preceitos e sentimentos escamoteados em nosso inconsciente coletivo.

Em *Fragmentada*, excluo o processo de autorrepresentação, retiro o rosto das imagens, evito, desta forma, fazer referências a minha identidade, almejo o anonimato.

Figura 8 - *Fragmentada* #4. Fotografia digital.



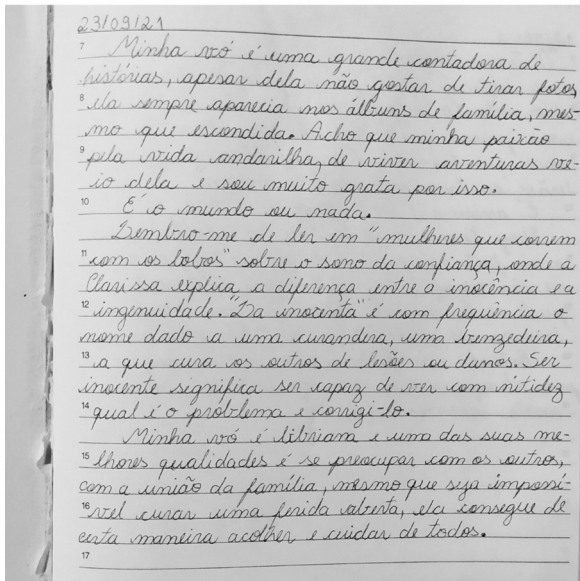
Fonte: elaborado pelo autor (2021).

A questão da identidade é algo presente em meus trabalhos. Na série *Gerações* (2021), composta por seis imagens em preto e branco, é um trabalho no qual tenho a possibilidade de viabilizar a inclusão de novas fotos no futuro. Essas fotografias foram retiradas de álbuns de família e digitalizadas. Lembro-me de folhear as páginas amareladas, ansiando descobrir as histórias por trás de cada foto. Elas me contam algo que ninguém contou. “Quem as tirou?”, “Quando e onde?”, “Quem não apareceu?” eram perguntas essenciais para conhecer meu passado e dos meus familiares, das pessoas que conviveram comigo em determinada época, as



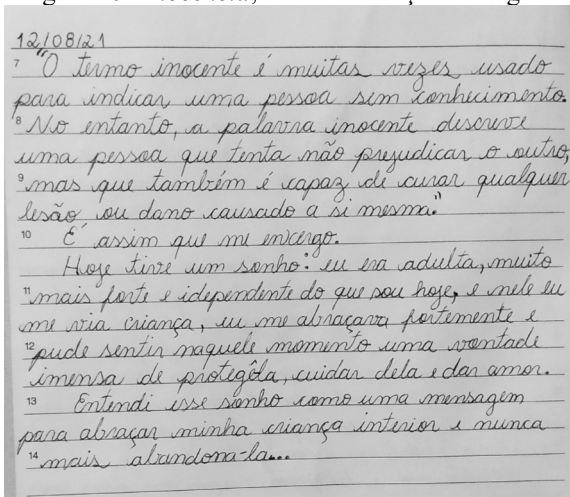
quais não me recordo. *Gerações* (figuras de 9 a 11) surgiu de um incômodo pessoal, e revisitar essas fotos foi uma forma de saber um pouco mais de um tempo em que eu ainda não tinha uma opinião formada sobre os outros.

Figura 9 - *La inocenta*, da série *Gerações*. Imagem de um diário com texto que acompanha a fotografia digital.



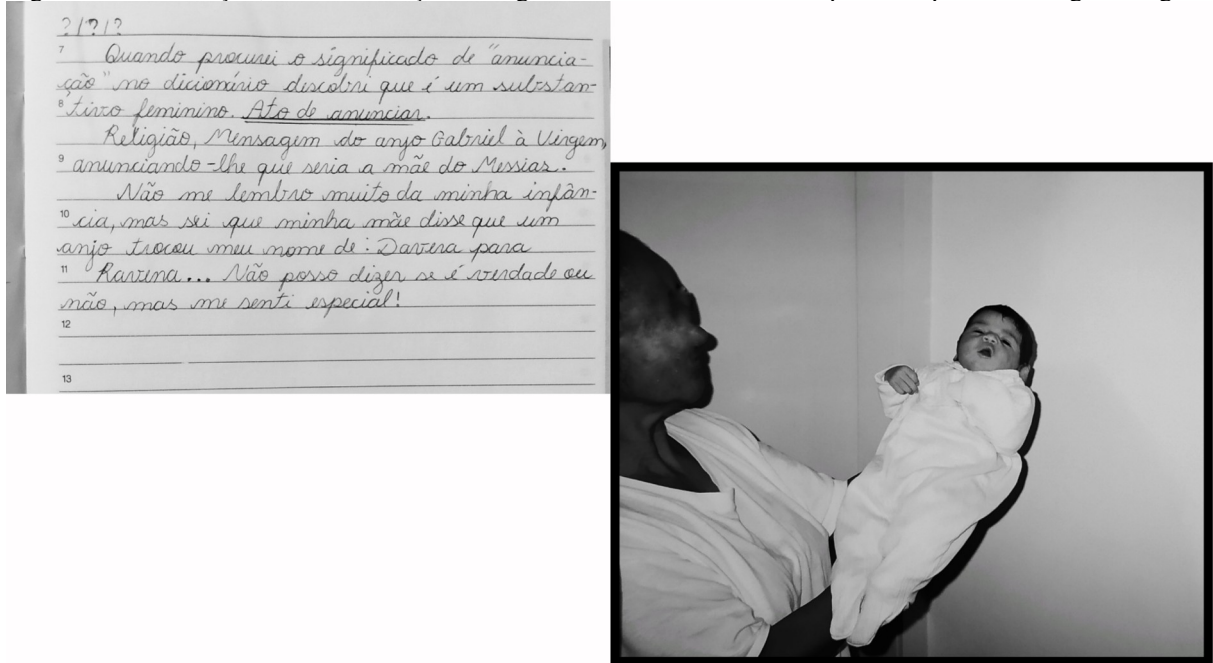
Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Figura 10 - *Inocência*, da série *Gerações*. Imagem de um diário com texto que acompanha a Fotografia digital.



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

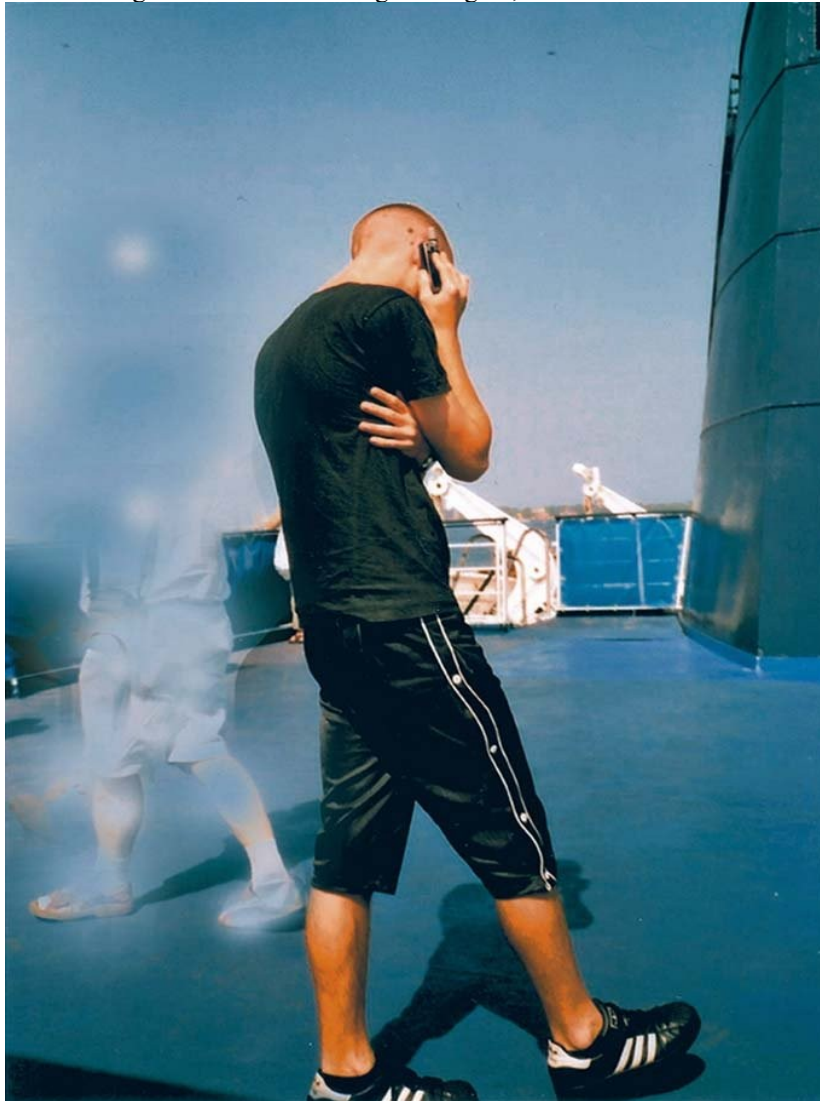
Figura 11 - *Anunciação*, da série *Gerações*. Imagem de um diário com texto que acompanha a Fotografia digital.



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

As identidades das figuras são apagadas, colocando em foco uma desconcertante ausência. Inspirei-me no trabalho *Gedser* (2004) de Wolfgang Tillmans, onde ele deixa evidente as ferramentas de edição, criticando justamente essa tentativa e possibilidade de correção nas imagens após serem tiradas. Portanto, brinco com essa função da ferramenta de edição chamada "correção" ou "carimbo". É interessante saber que ela tem a função de retirar e apagar o que a pessoa não quer deixar evidente.

Figura 12 - *Gedser*. Fotografia digital, 203 cm X 138 cm.



Fonte: TILLMANS, Wolfgang (2004). Disponível em: <https://imma.ie/collection/gedser/> Acesso em: 8 dez. 2022.

Intimidade, identidade, mente e corpos, temas frequentes e importantes para meu crescimento individual como artista visual. Comecei a gostar de explorar novos caminhos, pessoas e conteúdos. Debrucei-me em estudos sobre as teorias junguianas, o surrealismo, procurei referenciais como Francesca Woodman e Maya Deren. Fiz *Desconstrução* (2021), uma fotografia que tem como ponto de partida um corpo que representa o inconsciente. A construção dessa imagem artística é inspirada no automatismo surrealista. A justaposição entre o martelo e o corpo traz um novo significado ao objeto: esmiuçar o inconsciente para que o mesmo seja compreendido. Esse trabalho começou de um fato: compreender como as ações do corpo são uma resposta direta do inconsciente.

Figura 13 - *Desconstrução*. Fotografia digital.

Fonte: elaborado pelo autor (2021).

O meu corpo está passando por um processo de mortificação, onde há a diminuição da vitalidade de uma parte do ser. São partes de um ser e uma mente que está em permanente processo de construção, de descobrimento de pedaços pequenos da psique, o corpo se refaz, se despedaça, construindo assim um novo “Eu”.

No autorretrato, o sujeito se torna objeto diante da câmera. De acordo com Bell Hooks em seu livro *Erguer a voz* (2019, p.75), “o ato de se tornar sujeito é outra maneira de falar do processo de autorrecuperação”. Quando a mulher tem espaço para se autorrepresentar na Arte, ela está reivindicando e incorporando um lugar de luta, de esforço para estar “presente” por si só. Se conhecer melhor é representar, cuidadosamente, o que é exterior à mente e ao interior dela. No processo de autoconhecimento, dois elementos são indispensáveis: o sujeito e o objeto.

Os meus autorretratos são um modo de explorar a relação da *performance* com a Fotografia, onde meu corpo é um ato de rebelião, de erguer a voz perante a sociedade por meio da imagem fotográfica, do “encenar”. Procuo constantemente saber qual é o meu lugar como artista dentro da Arte e no mundo ao meu redor. O corpo denuncia, interpreta literalmente o que não se pode dizer em palavras. Trago à tona a força que há dentro do ser feminino, de se enxergar como disse, certa vez, Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, tornar-se mulher”. Sempre me expressei melhor por meio da escrita, então, foi um processo difícil: ouvir a minha voz em meio à multidão, enxergar-me como artista atuante, pertencente ao mundo das Artes.

#### 4 MATANDO A CRIATURA: OBRAS DE ERGUER A VOZ

*Qualquer fotografia é sempre um autorretrato, sem metáfora: imagem do que ela toma, daquele que a toma, e do que ela é, tudo isso ao mesmo tempo, num mesmo e só lapso de tempo, numa espécie de convulsão da representação e por ela.*

*(DUBOIS, 1994, p.343, grifo do autor).*

Em meu processo criativo, deparei-me com a dúvida, o Minotauro. Ao avista-lo, senti medo, pois não estava preparada para enfrenta-lo tão cedo. Enquanto me preparava para mata-lo, perguntas vieram a minha mente: “E se eu contar as histórias das pessoas que encontrei no Labirinto? Expor fragmentos de suas vivências por meio da imagem e da escrita?” Nesse percurso de incertezas, fiz um esforço para entender os outros que passaram por mim, ouvir suas histórias, entrar em seus mundos e sentir seus pesares, muitas vezes sem sentir reciprocidade. Essa minha característica mais introspectiva me perturbou por muito tempo, mas e se era para ser assim? E se para matar o Minotauro eu precisava primeiramente me interiorizar, buscar respostas por meio da conciliação entre mim, a Arte e a dúvida? Entre Ariadne e o Minotauro?

Durante o semestre, dediquei-me a resolução de meus questionamentos por meio de novas experimentações na linguagem da Fotografia, tais como mesclar linguagem visual e verbal, inserir cores, novas soluções de composição e outros materiais que não tinha costume de trabalhar, como, por exemplo, papéis fotográficos para impressão. Após vários testes, surgiu a necessidade de fazer um recorte temático: unir arte com meu ciclo social. Seguindo essa lógica, uma vertente me interessou muitíssimo: o que conhecemos por Fotografia da vida íntima. Segundo Chartotte Cotton, trata-se de um “tipo de diário da intimidade humana” (COTTON, 2010, p.9). São fotos que estão preocupadas em mostrar o cotidiano de seus personagens; de captar a essência, os sentimentos. Arte e vida dialogando em uma mesma linguagem. É mediante a Fotografia que conservo relação com os corpos que fotografo.

Aos poucos o retrato íntimo foi conquistando seu espaço, apoiando-se menos em técnicas virtuosísticas e mais no motivo retratado. Fica claro que dentre a maioria das produções que se enquadram nessa temática, o mais importante não é o primor técnico, mas sim o registro das pessoas ali presentes, os ambientes que os cercam, as situações a que estão submetidas, seus estados sentimentais e psicológicos. É como

se tal imagem estivesse crua e desprovida de máscaras e maquiagem, a fim de se tornar mais fiel, familiar e acessível para o observador. Desta forma, fica explícita a proximidade entre o fotógrafo e o motivo fotografado. Mas essa estética, que muitas vezes aparenta ser amadorística, obviamente não representa uma carência de talento e sim uma abordagem que funciona como suporte para que o fotógrafo possa comunicar sua ideia com mais poder (PADOVANI, 2012, p.33).

Após muitas tentativas, seguindo minha intuição e demanda de produzir fotografias que traduzissem meu universo pessoal, o resultado da minha pesquisa se desenvolveu em *Antologia dos corpos*: um conjunto de fotografias digitais de tamanho 10 x 15 cm, colocados em uma moldura caixa alta de 20 x 20 cm, cada uma acompanhada de textos escritos em papéis de gramatura 300gr. A proposta constitui gerar, em cada fotografia, uma narrativa do sujeito retratado na intimidade. Tomei a decisão de explorar a individualidade a partir de uma interpretação pessoal e livre. Nesses trabalhos, retratei fragmentos do corpo das pessoas que acredito que a representam em sua singularidade e subjetividade. Optei por mostrar suas curvas, marcas, gestos e vivências completamente distintas. Notei a necessidade de criar uma narrativa dos indivíduos retratados em cada foto que produzia, assim como escrever um pouco sobre elas. As fotos fornecem um testemunho, assim como a escrita:

O que está escrito sobre uma pessoa ou um fato é, declaradamente, uma interpretação, do mesmo modo que as manifestações visuais feitas à mão, como pinturas e desenhos. Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir (SONTAG, 2014, p. 9).

Figura 14 - Foto da instalação da exposição de diplomação.



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

A instalação para a exposição de graduação “Gestos, corpos e coletas” que ocorreu na Galeria Espaço Piloto – UnB foi pensada para representar um ambiente doméstico. Escolhi uma mesinha com base de ferro, e nela coloquei um pano branco bordado, acrescentei os porta-retratos e os textos centralizados em frente de cada fotografia. O tecido com o bordado vermelho simboliza o fio condutor que foi dado a mim por Ariadne, ele tece meu destino e perpassa todas minhas fases: passado, presente e futuro.



Figura 15 - Foto da instalação: detalhes.

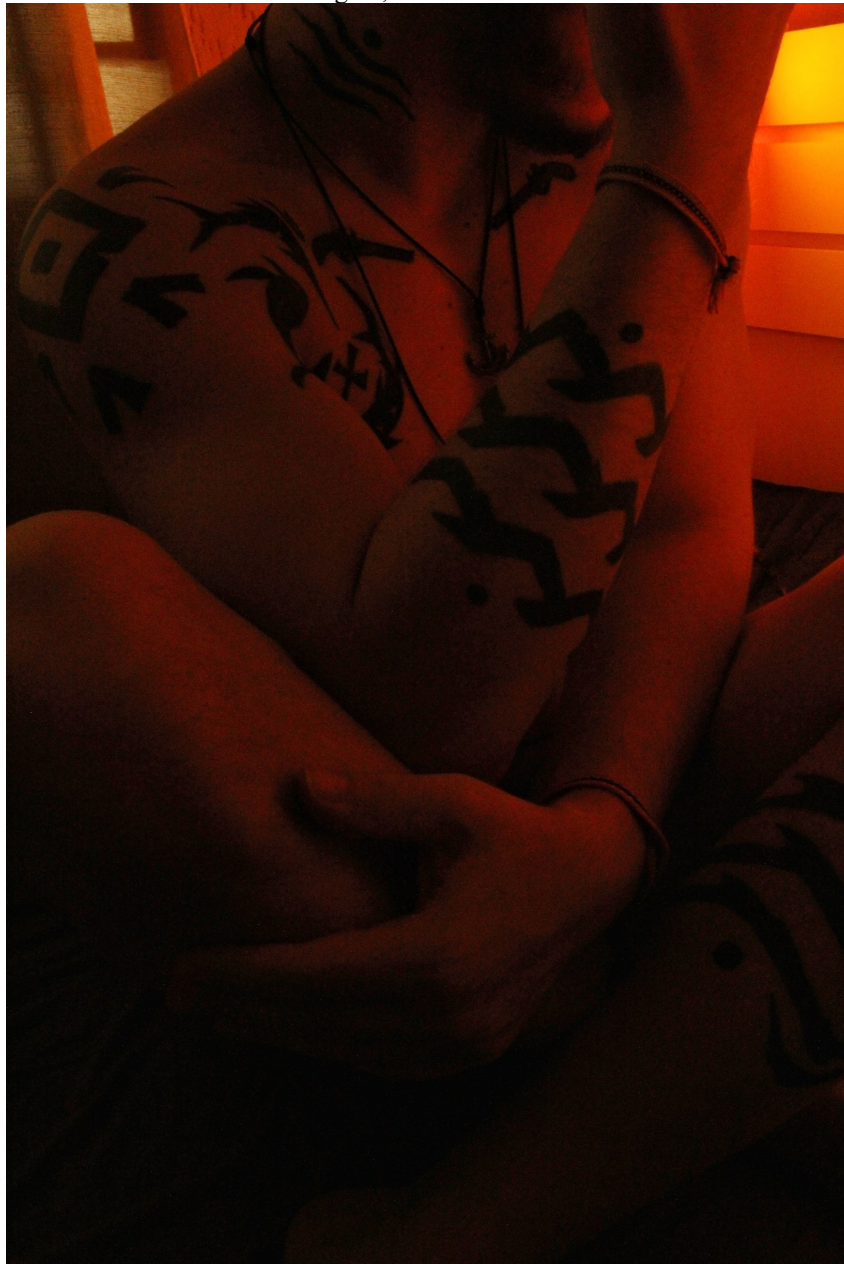


Fonte: elaborado pelo (2023).

As fotos são, de fato, experiências capturadas. Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo; no meu caso, com o mundo do outro. Coloco a minha interpretação sobre elas, não necessariamente retrato o que elas são de fato. O que fotografo e escrevo sobre elas é uma interpretação minha.

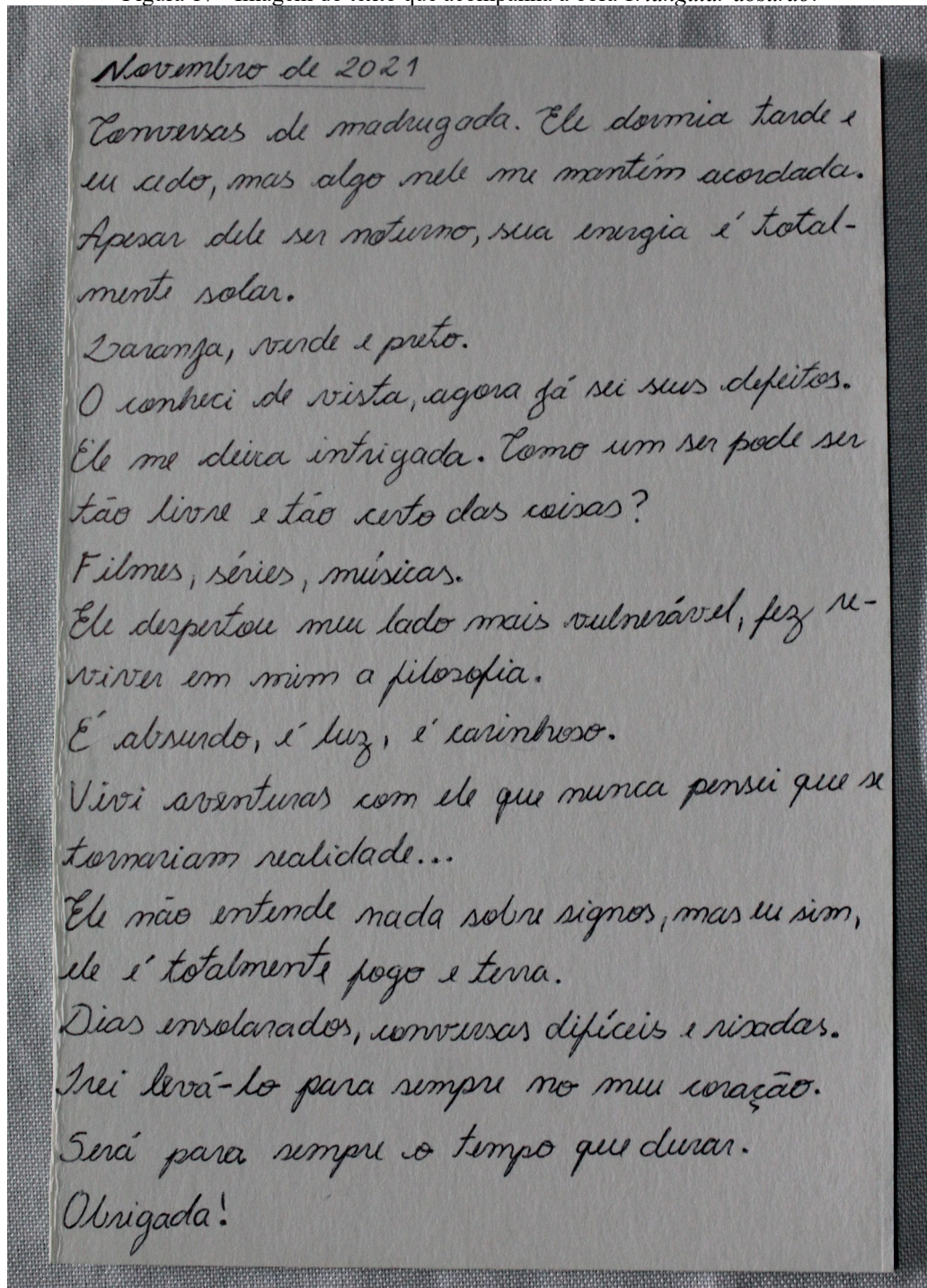
Em meu processo poético, a princípio visualizo mentalmente as cenas que quero realizar, imagino a posição de cada um, a luz, o ambiente, cenas elaboradas, criadas de forma pensada, mas estou consciente de que a própria composição pode ser formada no momento, com a naturalidade da gestualidade do indivíduo. O desenvolvimento do trabalho se deu da seguinte forma: primeiramente marquei com cada um deles em lugares significativos da nossa relação.

Figura 16 - *Triangular absurdo*, da série Antologia dos corpos. Fotografia digital, 10 x 15 cm.



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Figura 17 - Imagem do texto que acompanha a obra *Triangular absurdo*.



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

O ensaio fotográfico *Triangular absurdo* (figura 16) foi intenso, fotografar um amigo em sua mais profunda intimidade. Antes de tudo conversamos por mensagens sobre tirar fotos sem roupas, expliquei como seria meu processo durante e pós-fotos, sempre mostraria o resultado para o indivíduo e perguntaria se ele se sentiria representado naquela imagem ou não, que emoção a pessoa sentiu naquele momento e etc. Com isso, planejamos tirar as fotos na casa dele, em específico no seu quarto, um ambiente fechado, intimista e intenso para ambos. A única fonte de luz vinha de uma luminária com luz média alaranjada.

Primeiramente nos alongamos, ele colocou suas músicas favoritas para deixar o corpo bem relaxado, criamos um ambiente seguro e confortável emocionalmente. Antes de começar a tirar as fotos fiz perguntas que me norteariam para uma direção na escrita, o questionamento mais pertinente foi: - Qual é a sua relação com seu corpo? - perguntei. “O meu corpo é um lugar íntimo. É por meio dele que eu faço e experimento as coisas da vida. Eu me cuido, eu o trato de forma saudável para vivenciar o presente e o futuro da melhor forma possível. Meu corpo é meu primeiro contato com o mundo ao meu redor, um veículo, meu meio de expressão, alegoria para meus sentimentos”, respondeu ele.

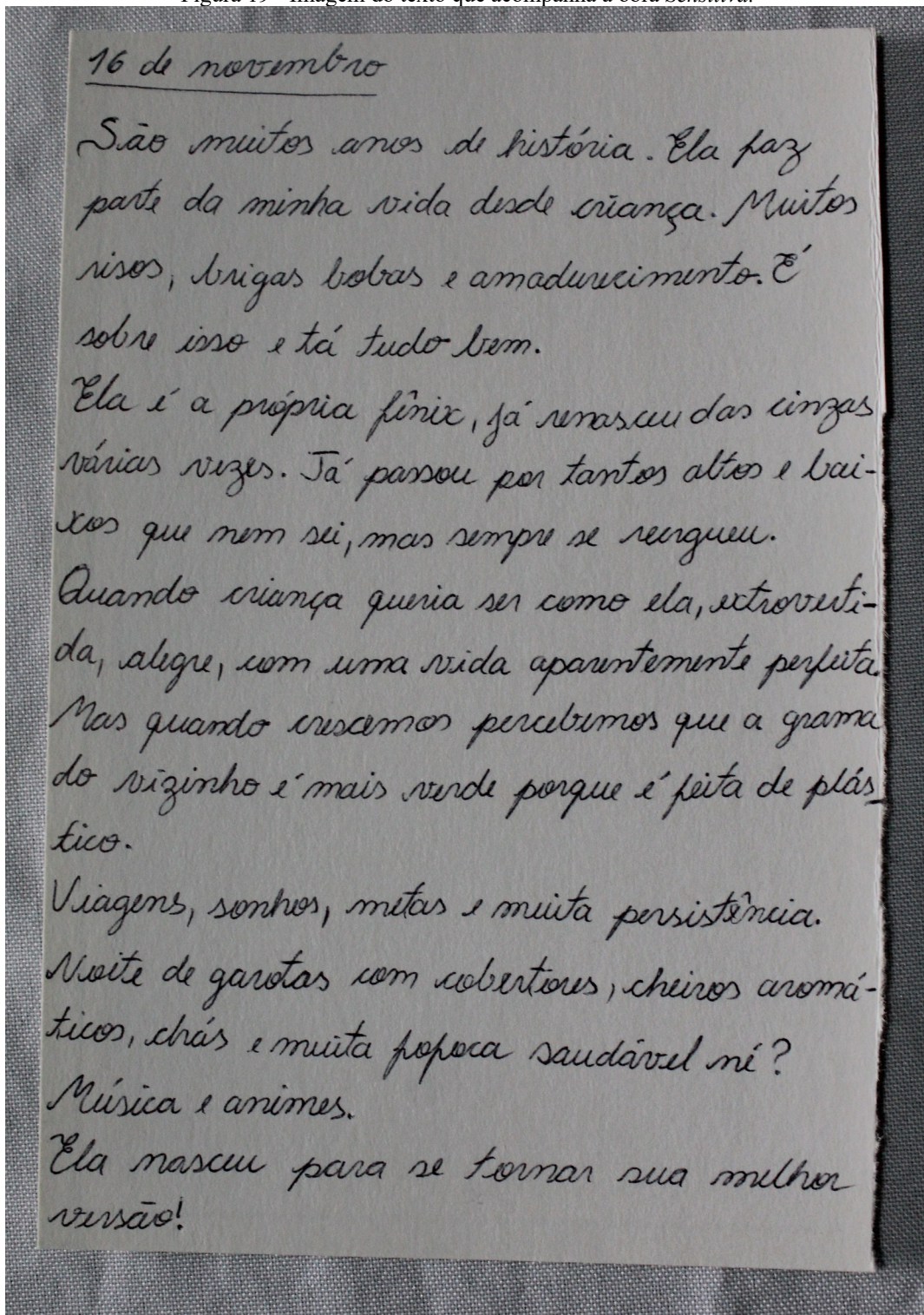
O primeiro desafio que senti foi fotografa-lo com cor, e fiquei me indagando: “Será que desse modo eu o represento em sua essência? O preto e branco definitivamente não o simbolizará”. Sair das escalas de cinza foi instigante, mas permaneci nos tons monocromáticos, em transições bem suaves.

Figura 18 - *Sensitiva*, da série Antologia dos corpos. Fotografia digital, 10 x 15 cm.



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Figura 19 - Imagem do texto que acompanha a obra *Sensitiva*.



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Na foto *Sensitiva* (figura 18) retratei minha amiga de infância. Estudamos juntas até o ensino médio; já passamos por altos e baixos como em toda relação. Ela me conhece mais do que eu mesma em certos pontos. Decidimos tirar foto no seu quarto, pois lá é seu refúgio para dias tristes, o lugar onde ela me confia seus segredos. “Meu corpo é minha vida. É o receptáculo da minha alma”, disse ela enquanto conversávamos sobre sua relação consigo

mesma. Perguntei quais partes do corpo dela que eu deveria focar e me disse que fosse o olhar, pois é por meio dele que nos comunicamos muitas vezes, sem precisar dizer nada. Mas optei por enquadrar três áreas específicas que a representam: o olho, a orelha e o cabelo.

Era a noite quando conseguimos tirar as fotos. A única fonte de luz vinha da lâmpada branca no teto. O que me incomodou foi a ausência de sombras duras, as quais já estou acostumada a usar, mas me permitiu um resultado interessante na imagem; os cinzas e brancos deixaram um ar de naturalidade na pele dela. Outro aspecto que aparece continuamente em meu trabalho é o contraste entre valores tonais cromáticos, tais como o preto e o branco, que nem sempre é de fato branco, mas também alguma tonalidade mais clara, como o cinza. A “ausência” de cores direciona o foco à linha e à forma, dando destaque à expressividade do gesto.

O último ensaio para mim, com certeza, foi o mais íntimo e profundo, fotografei a mulher mais importante da minha vida. Como capturar alguém que você quer que viva para sempre? Compartilho do mesmo pensamento de Susan Sontag em seu livro *Sobre fotografia* (2014):

Por meio das fotos, acompanhamos da maneira mais íntima e perturbadora o modo como as pessoas envelhecem. Olhar para uma velha foto de si mesmo, de alguém que conhecemos ou de uma figura pública muito fotografada é sentir, antes de tudo como eu (ela, ele) era muito mais jovem na época. A fotografia é o inventário da mortalidade (SONTAG, 2014, p.85).

Figura 20 - *M*, da série Antologia dos corpos. Fotografia digital, 10 x 15 cm.



Fonte: elaborado pelo autor (2022).



Figura 21 - Imagem do texto que acompanha a obra M.

07 de julho de 1999

M já passou por muitos momentos difíceis. Nunca saberei de fato o que ela sentiu na pele. Mas seu corpo fala, ele possui marcas, dobras; cada cicatriz, uma vivência que foi superada. M já pensou em tirar sua vida várias vezes, quase conseguiu em duas situações... Isso doeu tanto; vê-la sofrer sem poder fazer nada para ajudar, apenas estar presente e observar. M e eu não éramos muito chegados, somos muito parecidos, ambas que colocam os outros acima de seus problemas, não toleramos injustiças e somos do signo de água. Quero dar o mundo a ela, protegê-la da maldade existente, não deixar nada atingi-la...

A partir dessa carta te peço perdão M, por todas palavras ruins, ou atitudes que tomei que te feriram. Apesar de não demonstrar meu amor do jeito que você merece, saiba que está além do amor o que sinto por você, nossa ligação é interstelar.

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

A princípio quando a chamei para tirar fotos, eu não havia mencionado nada sobre ficar nua, mas ela quis, o que me surpreendeu. Fotografar uma mulher madura, cheia de traumas e que supera seus limites diariamente me inspirou a me tornar minha melhor versão, a matar o monstro sem dó nem piedade.

*Antologia dos corpos* tem a possibilidade de perdurar minha vida inteira, pois posso incluir novas imagens, novas representações do corpo físico, por este ser o elemento que vivência e experimenta o mundo, o espaço, os sentimentos e as memórias. Como cada ser é único, costumo apresentar uma variedade de corpos deformados, fragmentados, incompletos, completos e em movimento, para não apresentar apenas uma possibilidade de existência. São corpos que carregam marcas.

Tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, pela permanência do status quo (pelo menos enquanto for necessário para tirar uma boa foto), é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar — até mesmo, quando for esse o foco de interesse, como a dor e a desgraça de outra pessoa (SONTAG, 2014, p.13).

## 5 FIM OU INÍCIO?

Após matar a criatura, percebi que ela permanecerá em meu imaginário para sempre, a dúvida nunca me abandonará assim como Ariadne, e estou em paz com isso. Carregarei o fio vermelho por onde quer que eu vá. O que importou para mim nessa jornada não foi o fim dessa aventura nem seu início, mas sim o percurso.

Em meus trabalhos futuros, pretendo desenvolver mais a capacidade que o corpo e a Fotografia me fornecem, assim como pensar em modos diferentes de expor as fotos como instalação, explorar narrativas, gestualidades, cores, materiais e elementos, experimentando até mesmo intercambiar a Fotografia com outras linguagens artísticas. Sinto a necessidade também de focar nas possibilidades de representação do subconsciente humano na Fotografia, já encontrei outros referenciais como Roger Ballen e Man Ray.

Cada imagem que trouxe nesta monografia conta uma história. Vi meu trabalho avançar em uma linguagem que nunca pensei que praticaria. Considero *Antologia dos corpos* (2022), uma expansão em questão de cor, figura.

Concluo, então, com o pensamento de Barthes: “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá se repetir existencialmente.” (BARTHES, 1984, p.13).

## 6 REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia; tradução de Júlio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- COTTON, Charlotte. **A fotografia como Arte contemporânea**. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2ª edição, 2013.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas, 12 ed. São Paulo: Papyrus, 2009.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem; tradução de Waldéa Barcellos. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FLORES, Laura Gonzalez. **Fotografia e pintura**: Dois meios diferentes? Tradução de Danilo Vilela Bandeira –1ª Ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. In: **Como opera a cultura**. 12 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986, pp. 67-105.
- MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. São Paulo: Editora Papyrus, 2001.
- NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Edições Aurora, Publication Studio SP, São Paulo, maio de 2016.
- PADOVANI, Ivan. **Intimidade**. *Digital Photographer Brasil*. São Paulo: TRGD, n.16, p.32-43, janeiro, 2012.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: Perda e permanência. São Paulo: Senac, 2010.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.
- ORGULHO E PRECONCEITO**. Direção: Joe Wright. Produção de Tim Bevan, Eric Fellner e Paul Webster. Reino Unido: Universal Studios, 2005. DvD.
- QUERIDA VIDA**. Direção: Gauri Shinde. Produção de a. Índia: SPE Filmes Índia, 2016. Netflix.